

# TRIBUNA Livre

29  
AGOSTO  
1959

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO E REDACÇÃO: LARGO DO DR. OLIVEIRA SALAZAR-TKL. 02113 - AMARES

## NA ALDEIA

por Domingos M. da Silva

Chega esta quadra do ano e uma melhoria das populações das cidades dispersa-se; escoia-se por todos os meios, por terra, por mar, pelo ar, para o campo, para as termas, para as praias, uma boa parte para as aldeias, como as andorinhas que periodicamente arribam a suas terras pela força irresistível do instinto que lhes faz antever a primavera.

Também o homem troca os «requintes de civilização» de suas habitações urbanas, em que procurou rodear-se do extremo conforto, quan-

### Visitantes Ilustres

Tivemos o prazer de receber, na nossa Redacção, o Ex.º Senhor Dr. Horácio Teixeira de Castro Guimarães, ilustre escritor e conferencista, digno Chefe da Secretaria de Inspecção Geral de Espectáculos, que se fazia acompanhar do Ex.º Senhor Professor Domingos M. da Silva, ilustre autor das Monografias de «Entre-Homem e Cávado», nosso dedicado colaborador. A ambos, muito obrigado pela visita e pelas palavras de apreço dirigidas ao nosso Semanário.

Que tenham muito boas férias, é o que sinceramente lhes deseja «Tribuna Livre».

### Aniversário

Amanhã, festeja o seu aniversário natalício, em casa de seus pais, em Lago, o Senhor António de Oliveira e Silva, distinto alu- da Escola de Belas Artes de Lisboa e filho do Senhor Professor Domingos M. da Silva, autor das monografias de Amares e Terras de Bouro.

Parabéns pelo bom êxito dos seus estudos e muito obrigado pela ótima colaboração que tem prestado à obra monográfica «Entre-Homem e Cávado», cuja capa e demais desenhos que nela figuraram, são da sua autoria.

Aproveitamos a oportunidade para felicitar e agradecer.

tas vezes pelas condições de um lar modesto em que despertou para a vida, mas é onde se sente melhor. Uns dias na aldeia e a alma humana sente-se diferente, fica outra.

O contacto com a Natureza torna o homem igual a si mesmo; fá-lo entrar em si, mostra-lhe o que é a sua própria fragilidade.

A cidade diviniza-o, paganiza-o; quanto mais crescem as cidades, mais recrudescem o materialismo.

O homem frente a frente com a sua obra, com a beleza e o luxo do que constrói e levanta para o céu, como torres de Babel que mal lhe deixam ver nesga do mesmo céu, só vê a terra que pisa, as praças ajar-

dinadas, as ruas alcatroadas e calçadas, sem horisontes nem infinito. As formas agigantadas da Terra, as altitudes e as depressões, como a força dos elementos são o que menos o impressiona e essa isenção menos lhe deixa pressentir o poder de Deus.

Fascinado, encadeado pelos lustres da terra, não enxerga as estrelas do céu, os seus astros; não repara nos nascentes nem poentes do dia, quantas vezes ignora a sua orientação. Vive e morre num espaço limitado, contado, apertado, de uma rotina quotidiana.

O homem da cidade, reside nele o centro nevrálgico de toda a agitação e ner-

(Continua na 4.ª página)

## Caldelas

### O aumento de frequência está a provocar deficiência de serviços e especulações

Foi-nos enviada uma carta assinada por «um aquista», que apela para a melhoria dos serviços e que, segundo nos consta, representa o sentir geral dos frequentadores das nossas acreditadas Termas, as quais, apesar de tudo, podem descreditar-se por deficiência de instalações — nunca por má fama das suas milagrosas águas.

Parece que infelizmente não se exagera nesta carta, escrita com certa ponta de ironia mas indica maselas que, cremos bem, irão ser remediadas, prontamente, já no próximo ano, dada a vontade com que se procura acertar na solução dos problemas inadiáveis de Caldelas. Os tempos são outros e a par disso a frequência de aquistas justifica a melhoria das Termas em todo o sentido, tornando-as à altura da sua crescente importância terapêutica e turística.

A publicação desta carta poderá fazer luz no espírito de quem tenha de resolver os instantes problemas focados na mesma, cuja solução se agradece, a bem das Termas e a bem do Concelho de Amares que se orgulha de ter em seu seio este manancial de saúde e riqueza.

A carta é a seguinte:

«Ex.º Senhor Director da «Tribuna Livre»—Amares  
Permita-me V. Ex.ª este desabafo nas colunas do vosso jornal, porque, a imprensa ainda é — como sempre será — o meio de conhecer a verdade, para então se pedir justiça quando o pleito depende da boa-vontade dos homens em servir o bem estar de todos.

É como aquista, por mal dos meus padecimentos, que frequento as termas de Caldelas e digo o que se me oferece, porque se fosse nado de Amares, defenderia então denodadamente os interesses da minha terra com o amor próprio dum filho, honrado em lutar pelo seu património — rico património, aliás, que possui, por graça e mercê da natureza.

Como aquista, portanto vou dizer:

— Os serviços de tratamentos no estabelecimento termal, são prescritos em número tal que as instalações — e excelentes instalações, deva afirmar-se, — não têm capacidade para isso, dada a grande afluência de doentes que a estas águas acorre. Dá uma demora enervante, aborrecida para enfermos cuja base do seu mal reside, precisamente, na alteração do seu sistema nervoso. Para fazer uma consulta médica, são precisas 6 a 7 horas de espera! Para se adquirir o número para as

(Continua na 6.ª página)

## Inconfidência... mas talvez não!

Braga, 27—Em conclusão: O Bom-Jesus está para Braga, como o vinho verde para a Região! Ora, o abandono a que um e outro foram votados desde há muito, chegou ao seu termo; acabaram por isso as mistificações e todos têm «agora» uma sugestão para os salvar! Propôr-se enfrentar a crise dum e doutro com um «Plano» — e nada se pode fazer de concreto, sem plano — capaz de ganhar tempo e ser realidade em curto prazo, ninguém!

O Creador, que no-los doou por sua graça, como os criou que os salve — diz-se! Tem razão, um amigo e, ou muito me engano, ou um e outro vão a caminho de demonstrar, mais uma vez, a nossa incapacidade para resolver de forma mais conveniente, os problemas que só de nós dependem e não propriamente do Governo.

Prever para prover, são razões demais verdadeiras, para que se possa negar — «que se não alcança o valor das perquisas feitas por amor da pura verdade, num plano de pura gratuidade». O útil da técnica, é filho do superfluo, da ciência investigada

### Falta de água nas casas e nos jardins

Muitas pessoas, mesmo muitas, se nos dirigiram pedindo para reclamarmos contra o corte no abastecimento de água ao domicílio e contra a seca que atravessa o jardim do Largo do Dr. Oliveira Salazar, cujas plantas se encontram quase mortas.

Dizem não compreender esta situação quando, como é fácil ver, para os lados de Prozelo os canos rotos deixam perder muitíssima água e nos fontanários esbanja-se uma e perde-se outra. Menos ficam a compreender pelas respostas que o possoal dos serviços municipais lhes dão e que em nada prestigiam aqueles serviços.

Entendemos que a magnitude do caso, porque perturba a vida doméstica e porque atinge toda a gente, merece ser visto com cuidado, até porque estamos numa vila e sede de concelho, com as suas indústrias, dezenas de casas de comércio e actividade de todo os géneros.

E porque assim é, esperamos que o mal seja imediatamente debelado.

por amor ao que Deus criou e inspirou no homem para ser riqueza... e mesmo beleza! O que não seja isto, perde-se tempo e latim. — E é, que o Bom Jesus, como o vinho verde, tem vivido por si mesmos e não pelos homens que por obrigação os entendessem e amparassem! Mas sou a hora e eis o alarme em que todos caíram, pelos factos apontados e bem tristes.

No tocante ao Bom Jesus, acusa-se o Turismo (S.N.I.) de não incluir o Bom-Jesus nos roteiros de propaganda turística; mas nada mais ingrato do que uma tal afirmação! Pois se o Bom Jesus não tem por agora relevância turística — porque não tem e nem a terá nesta meia dúzia de anos mais chegados e seja qual for o «afã» dos homens do momento — como se queria que a que- la repartição do Estado o destacasse mais do que nas suas belezas naturais, na paisagem e arte que possui, além dos hotéis, etc.?!

Sejamos razoáveis e mesmo prudentes, não vamos agravar o já conhecido conceito: «Braga não sabe pedir e arma-se em vítima a propósito de tudo e de nada».

Concretizemos as necessidades turísticas do Bom-Jesus, num «Plano» inteligente e que vise o futuro da Estância. Expônda-se em «maqueta» o plano de conjunto, destacando-se a parte nova, ou zona de turismo que se pretende erguer. Desfaça-se por estas vias o «slogan» que tanto nos diminui.

Perde-se com isto um ano, dois, mesmo três? Mas que importa, se temos um «Plano» previamente estudado;

(Continua na 6.ª página)

## Notícias pessoais

Regressa, amanhã, das Termas de S. Vicente onde passou a 2.ª quinzena do corrente mês, o sr. Padre Albino José Fernandes Alves, pároco desta Vila.

\* \* \*

Da Póvoa de Varzim regressam no mesmo dia, acompanhados das suas famílias, os Srs. dr. Manuel Arantes Rodrigues, dr. António José da Costa, Adão Arantes Russell, Paulo Barbosa de Macedo e João Antunes.

# TRIBUNA DA MULHER E DOLAR

## Entre nós, mulheres...

### Regras pequeninas para tornar o velho moderno

LISBOA, AGOSTO — (Por Noémia Gil Faria, Redactora da ANI) — Continua a discutir-se, e um pouco por todo o mundo, a altura das saias para a estação próxima. A nova moda, porém, tem outros motivos de interesse, sem dúvida alguma mais importantes dos que os 38 centímetros de Lanvin-Castillo (o costureiro que mais compridas saias criou) ou os 55 de St. Laurent (o que as apresentou mais curtas).

Quer gostemos, quer não, a mulher 1960 vai ser completamente diferente da sua antecessora. Com efeito, enquanto, durante anos e anos, usamos rodas e saias engomadas para as abrir, a nova linha é inteiramente esguia. E isto está bem assente, pois, com a excepção de alguns modelos destinados a «cocktail» e outros a grandes cerimónias nocturnas, todos os costureiros, franceses ou americanos, italianos ou ingleses, concordaram com esta directriz. A linha direita, os ombros subidos e as golas complicadas definem muito melhor o que se vai usar do que a altura das bainhas. Teremos então que desperdiçar todos os nossos vestidos ou andar fora de moda? Nada de sustos. A moda é diferente, mas é adaptável. A transformação é fácil, se bem que nem sempre económica.

O motivo principal da estação é a túnica. Há vestidos com túnicas; casacos mostrando a saia numa sugestão de túnica; blusas e casacos de «tailleur» tão compridos que mais parecem túnicas, embora curtas. Qualquer vestido, po-

rém, se transforma facilmente numa túnica. Começemos por encurtar a bainha uns bons dez centímetros. Em seguida, confecciona-se, em qualquer tecido económico, uma saia travada, a que aplicamos uma barra de onze ou doze centímetros, de tecido igual ao vestido ou, na sua falta, de veludo preto. Se o modelo é para usar «em corpo», deixamos ficar as mangas. Se é para vestir debaixo dos casacos, tiramos as mangas e a gola. Um cinto de verniz ou de veludo preto colocado «baixo» será o toque final, neste elegante conjunto.

Um casaco antigo tomará imediatamente um ar 1960 se lhe colocarmos enxumaços nos ombros. Nesse caso e no do «tailleur» teremos de lhe colocar uma gola farta. Se não houver fazenda, uma «écharpe» de malha ou de escocês, bem enroladinho — num drapeado fácil — em volta do pescoço, tornará o modelo o último grito da estação. Se o casaco comprido se destina às horas elegantes, pode encurtar-se e usar-se por cima de uma saia travada. Havendo possibilidades financeiras, poderá acrescentar-se uma barra de pele na bainha, nos punhos e na gola. As bainhas dos casacos dos «tailleurs» deitam-se abaixo — qualquer tecido servirá para as postigas — e isso bastará para os tornar modernos. Se já não têm bainha, ou são aquele tão conhecido «quase bolero», então, paciência. Mas para nós mesmas, confessamo-lo, adoramos a moda da Chanel, tão juvenil. Ela foi a única que não deitou abaixo essas bainhas.

O estilo «russo» também é fácil de dar. Cosamos barras de pele — larguíssimas ou simples galões — em volta da bainha da saia, das mangas ou das golas. É a ocasião de aproveitarmos aquele velho casaco de pele que o uso e algumas traças tornaram incapaz do serviço activo. Ou, à falta desse velho casaco, que tanto arranjo nos faria, comprems pele de coelho. Parece impossível a variedade de animais que o coelho imita. Ao fim e ao cabo, estamos convencidas de que o efeito é igual ou pelo menos muito parecido...

Para fazer uma das lindas blusas que aí vêm, podemos aproveitar um vestido de mangas poídas e um pouco «caído» nas costas. Tiram-se as mangas, tira-se a gola, corta-se por altura das ancas e eis-nos com o último grito em matéria de blusas. Os antigos vestidos-saco (de pouca saudosa memória) prestam-se lindamente para o efeito. Aliás, tam-

## Culinária

1.º — Sopa de cenoura e batata, 2.º — Capatão à fidalga, 3.º — Podim de carne, 4.º — Geiados de chocolate, 5.º — fruta, 6.º — Café.

### Sopa de batata e cenoura

Ralam-se em cru meio quilo de batatas e meio quilo de cenouras. Põe-se ao lume uma panela com água fria e deita-se-lhe dentro as batatas e as cenouras, e uma colher bem cheia de banha. Deixa-se cozinhar bastante tempo. Quando estiver pronto tempera-se de sal, deita-se uma colher de manteiga, uma colher de queijo parmesão ralado e uma mão cheia de agridões. Vai ao lume, ferve dois minutos e tira-se.

Nota — Esta sopa é escusado ser em porções de meios quilos. Pode-se pôr um osso de vitela ou carne e pode deixar de levar queijo.

### Capatão à fidalga

Amanha-se um capatão como de costume e coloca-se num prato Pyrex.

Tempera-se com sumo de limão, sal e pimenta e deixa-se a marinar.

Barra-se com uma colher e meia (das de sopa) de manteiga e leva-se ao forno, durante 5 minutos, para a manteiga derreter.

Seguidamente polvilha-se todo com uma colher de pão ralado, uma colher (das de sopa) de queijo ralado e volta ao forno até assar por completo.

Serve-se acompanhado por batatas temperadas com manteiga, camarões descascados e rodelas de limão.

### Podim de carne

Põe-se de molho, em leite fervente, dois pães.

Passa-se pela máquina, de forma a ficar bem picado, 400 gramas de carne cozida de qualquer maneira, com 70 gramas de presunto, uma cebola pequena e salsa.

Num tachinho deita-se um bocado de cebola bem picada, e azeite q. b. Vai ao lume até a cebola alourar.

Junta-se-lhe a carne picada, e deixa-se refogar, adicionando-lhe um pouco de água de caldo e 1 colherinha de manteiga.

Quando a carne está quase cosinhada adiciona-se o pão amolecido (ficará melhor se o passarmos pela máquina) e tempera-se com sal fino, pimenta e noz-moscada.

Depois do picado pronto adiciona-se uma gema de ovo e mexe-se para ligar bem.

## DESFECHO

Amei, amei loucamente  
A tardinha alaranjada...  
Numa hora deslumbrada,  
Agarrei-a ternamente  
Pelas cêrulas madeixas...  
E beije-i-a no seu rosto  
Belo e triste de sol-posto,  
Sombreado por mil queixas...

Habitei-lhe o coração  
E bebi-lhe o sangue quente...  
E a sede foi mais ardente,  
Foi maior minha paixão.  
Possuí a tarde em cheio...  
Mas, depois, a tarde bela,  
A tarde...coitada dela!  
Brotou-lhe a noite do seio!

Francisco Sérgio

## Material, forma, finalidade e beleza

### O instituto superior de mais recente fundação — A arte ao serviço da técnica

(Por Gerhard Grimm — Impressões da Alemanha)

—A mais jovem academia da Alemanha está situada perto de Ulm, no sul do país. Foi-lhe dada a designação de «Instituto Superior da Forma». O instituto foi estruturado de maneira a corresponder a todos os problemas da forma. Enquanto uma secção se dedica à «forma do objecto» e a outra à «arquitectura industrializada», as secções de «comunicação visual» e de «informação» ocupam-se especialmente da forma de transmitir ideias e conceitos pela palavra e pela imagem. Encarando o trabalho do instituto sob o ponto de vista prático, verifica-se que abrange todo o amplo campo do projectamento e da execução de elementos de construção, aparelhos, móveis e acessórios caseiros, fotografia, tipografia, gravura, propaganda e publicidade, jornalismo, cinematografia, rádio e televisão. Entre os professores e estudantes do Instituto em Ulm figuram os representantes de muitas nações de todo o mundo.

Além do curso secundário completo, exige-se dos estudantes um período de trabalho prático numa das quatro matérias principais do Instituto. O curso do Instituto Superior da Forma começa pela chamada «base», na qual se transmitem conhecimentos elementares da forma sob o ponto de vista técnico, estético e existencial. Por experiências e por um treino conscienciosamente organizado o aluno é conduzido aos princípios da percepção, simetria e da topologia. Nas aulas práticas adquire conhecimentos práticos dos mais diferentes materiais, tais como a madeira, o metal, o gesso. Todos os problemas da representação e da imagem são versados nos cursos

de desenho, de caligrafia e de fotografia. Como a língua desempenha hoje um importantíssimo papel na transmissão de conceitos e ideias para além do âmbito do diálogo, pelos instrumentos modernos da rádio, da televisão, do disco e da fita magnetofónica, dedica-se muito especial atenção a esta forma de «representação». A parte de carácter mais acentuadamente teórico completa a formação, abrangendo a metodológica e a introdução sociológica e a evolução da sociedade industrial moderna, não se descurando efectivamente o aspecto histórico-cultural.

Depois deste curso básico, os alunos decidem-se por um dos ramos da formação. O Instituto recorre para as suas lições a construtores, engenheiros e peritos económicos. A secção de arquitectura não se propõe formar arquitectos em série, mas esforça-se por transmitir uma compreensão dos problemas resultantes da técnica forçada com os seus novos métodos de produção que tendem a levar a uma arquitectura altamente industrializada, capaz de corresponder a um época em que a indústria de construções não consegue satisfazer a procura. Nas duas outras secções adquirem-se as mais variadas técnicas no domínio das relações de indivíduo para indivíduo com as massas, do indivíduo dinâmico e criador com os grupos respectivos.

No programa do Instituto evitaram-se os dogmas, obedecendo ao desejo de colocar os alunos dentro de uma realidade rica em contrastes, em diferenças de interesse em matizes e categorias. Há no entan-

(Continua na 5.ª página)

## Casamento elegante

No pretérito dia 16, realizou-se, na igreja do Sacramento, em Lisboa, o enlace matrimonial da menina Carminda Augusta Gonçalves, filha desta terra, com o Ex.º Senhor Ceferino Puga Toucedo, industrial em Lisboa e de nacionalidade espanhola. A cerimónia religiosa teve início cerca do meio dia. À entrada da igreja, foi executada, por mãos de organista exímio, a marcha nupcial do estilo. O cortejo seguiu igreja acima em direcção ao Altar-mor, onde se encontrava já paramentado o Reverendo Prior para testemunhar este acto solene, cheio de beleza e graça.

Finda a cerimónia litúrgica o presbítero assistente dirigiu palavras de saudação e incitamento aos noivos, lembrando-lhes o que a respeito do

Continua na 5.ª página

(Continua na 4.ª página)

# TRIBUNA do CONCELHO

## CARTA DA EMPRESA HOTELEIRA DO GERÊS L. DA

Agrada-nos, em absoluto, a presente carta em que se responde ao que aqui foi dito sobre a deficiência das carreiras na Romaria da Senhora da Abadia.

Não queremos dizer que a tudo damos a nossa concordância, nem de resto, a Empresa a espera, dado que também concorda em pequenas deficiências.

Agrada-nos, porque se vê que a empresa está atenta, porque tentará remediar algum mal que subsista e porque elucidamos o público que verá que as suas reclamações, por vezes, não têm toda a razão.

No fim, a Empresa só sairá dignificada e lucrarão as Festas que para o ano, estamos certos, terão os serviços melhorados dentro do possível.

Ex. mo Senhor  
Director do Jornal «Tribuna Livre».

Amares  
Ex. mo Snr:

Como assinantes do jornal «Tribuna Livre» que V. Ex.<sup>a</sup> muito competidamente dirige, lemos sempre tudo aquilo que possa interessar-nos, nomeadamente, na parte que nos diz respeito, ou seja, camionagem e Termas do Gerês. Podemos mesmo dizer que foi nossa intenção ao assinarmos o jornal de V. Ex.<sup>a</sup> procurar prescrutar pela opinião da Imprensa Regional os interesses públicos que estiverem debaixo da n/ alçada.

Foi com esta intenção também que descobrimos uma  
(Continua na 5.ª página)

## Incêndio em Rendufe

Ardeu totalmente a casa de habitação de Gracinda Gomes, casada, feirante, residente no lugar dos Olheiros.

O seu marido está ausente em França e as crianças que ficaram em casa chegaram fogo à lenha junto à lareira, comunicando-se rapidamente o fogo a todo o edifício. Os prejuízos são totais, morreram animais e ardeu o recheio, tudo no valor de 15.000\$00.

Os Bombeiros Voluntários de Amares que compareceram imediatamente, evitaram a comunicação a outros prédios; a água a 300 metros de distância ocasionou a irreparável perda. C.

## Santa Casa da Misericórdia de Amares

Movimento de doentes registado na Santa Casa da misericórdia de Amares, durante o mês de Julho: findo.

**Consultas gerais**—Homens 235, mulheres 517=Total 752; **Curativos**—Homens 96, mulheres 175=Total 271; **Injeções aplicadas, fornecidas gratuitamente**—Homens, 65 mulheres 444=Total 509; **Tratamentos pelos agentes físicos** Homens 27, mulheres 24=Total 51; **Lactação de crianças de ambos os sexos** Total 114; **Vacinações diversas:** Total 416! Total dos assistidos: 2.113.

## CAIRES Para Lisboa

Já regressou à Capital afim de tomar o seu costumado labor cotidiano, o nosso bom e íntimo amigo e vizinho, o Senhor Lourenço José Baptista da Silva.

Deixa vivas saudades a todos.

A sua quinta e prédio, do lugar do Paço, estão completamente transformados. Oxalá que dentro em breve, Sua Ex.ª possa vir de vez, para descançar junto dos seus. Trabalha-se para que o lugar de Paços seja electrificado o mais breve possível.

## Aniversário

Decorreu na passada quarta-feira o 64.º aniversário natalício, do nosso particular e amigo Snr. Delfim António Janela, 1.º cabo aposentado da G. N. R., pelo que na sua residência se reuniram todos os seus filhos e netos, para assim, no maior convívio, festejarem o seu aniversário.

Tribuna Livre associa-se a esta festa e dá os parabéns ao homenageado.

de sua família.  
Tribuna Livre deseja-lhe boa viagem e muitas felicidades.

## CARTA DE LAGO

Meu caro amigo António:

Com intenção de te dar notícia, fui no dia 5 assistir à celebração das bodas de prata sacerdotais do Rev. do Pároco de Rendufe, Senhor Pe. Joaquim de Faria Simões.

Constou de missa cantada solene e «Te Deum» em que celebrou e presidiu o homenageado, acolitando de Diácono o Pároco de Lago, e de Subdiácono, um seminarista teólogo, de Vila Verde, na falta do pároco de Barreiros, que não pôde comparecer.

Fez o panegírico o Rev. do Doutor Arieiro, condiscipulo e amigo pessoal do P. e Simões.

A Banda da Oficina de São José de Braga, desempenhou artisticamente as funções musicais.

À tarde, depois de alguns actos religiosos, na igreja, organizou-se uma sessão solene, presidida pelo homenageado, na

qual alguns paroquianos de Rendufe disseram o que sentiam a respeito do seu Reverendo Pároco.

No final das cerimónias da manhã, todos os presentes, incluindo o escrevinhador destas linhas, beijaram devotamente as mãos do ilustre e piedoso Abade de Rendufe. Estes actos puramente religiosos e muito íntimos, foram promovidos —segundo informações colhidas de rapazes da JAC de Rendufe,—por duas das pessoas mais ilustres daquela freguesia, o Senhor Pe. José Victorino Veloso, actualmente em serviço na Oficina de José de Braga, e a Senhora D. Carolina Arantes Rodrigues, professora em Carracedo. Enquanto estas cerimónias decorriam, vieram-me à cabeça mil e um pensamentos, acerca do sacerdócio,

(Continua na 4.ª página)

## Visita pastoral em Bouro

No dia 24, segunda-feira, foi a visita pastoral na freguesia de S.ª Maria de Bouro.

Como sempre, os Bournenses mostraram-se briosos na recepção a Sua Ex.ª Rev.ª ma.

Às 9,30 horas, o Senhor Bispo Auxiliar entrava em Bouro.

Depois dum breve discurso, proferido em nome do Senhor Arcipreste, por uma pequena, Sua Ex.ª Rev.ª ma foi conduzido sob o pálio, para o Mosteiro.

Após breves palavras, o Senhor Bispo começou a administrar o Santo Sacramento do Crisma. Seguiu-se o interrogatório da doutrina às crianças.

A falta de espaço não permite e seria desnecessário indicar aqui todo esse questionário doutrinal. Mas, ao menos em síntese, não posso deixar de notar alguma coisa, já que o comentário tem um cunho religioso.

A propósito do «Pai Nosso», recitado momentos antes, Sua Ex.ª Rev.ª ma, começou por fazer algumas perguntas sobre o Baptismo. Em seguida, entrou num questionário em alegoria, feita entre os caminhos materiais da terra e os espirituais do céu. Assim como naqueles, há pedras, buracos e, como possíveis consequências, quedas, feridas grandes e pequenas e logo, o médico, os remédios; assim também no caminho do céu há obstáculos, quedas, feridas espirituais, umas mortais, outras, pelo menos, perigosas, para as quais é necessária a confissão, o sacerdote.

No fim de vários actos litúrgicos, o Senhor Bispo de novo se dirigiu a toda a comunidade. Registamos as seguintes frases, a respeito da igreja e edifícios contíguos:—Os antigos construíram e nós parece que nem temos forças para conservar. Mas não teremos

forças ou não teremos fervor? E mais adiante: Empregai os meios ao vosso alcance para reparar.

Para terminar, fique aqui arquivado um testemunho de parabéns, a todos os que colaboraram para o brilhantismo desta festa.

Tissago de Jesus

## Vida elegante

Fazem anos:

Hoje, a Sra. D. Wanda Maria Mendonça Calheiros.

Amanhã, o Sr. Joaquim Ferreira dos Santos.

Segunda-feira, a Sra. D. Maria Manuela P. de Almeida Calheiros de Abreu.

Quarta-feira, o Menino Rui Manuel Arantes Rodrigues.

Sexta-feira a Menina Teresa de Jesus Dias da Silva.

\* \* \*

Passa segunda-feira o aniversário natalício da menina Aurora Maria da Silva Dias, filha do nosso amigo e assinante Armando Joaquim Dias.

## Aniversário

Passa hoje o seu aniversário natalício o senhor Manuel Martins Fernandes, distinto funcionário das nossas oficinas gráficas. Por tão faustosa data, os seus amigos oferecem-lhe um copo de água e desejam que essa data se repita por longos anos de vida.

## Para França

Partiu ontem o nosso amigo e assinante Snr. Rufino de Jesus Pinheiro, acompanhado

## Visita Pastoral a Besteiros

Na passada sexta-feira, dia 21, após a reunião extraordinária do Senhor Bispo Auxiliar com todo o clero do Arciprestado de Amares, sobre a próxima vinda da Virgem Peregrina ao Nosso Arciprestado, na Residência paroquial da Vila de Amares, começa aqui a agitar-se o movimento da visita Pastoral à sorridente paróquia de S. Paio de Besteiros, uma das mais próximas da nossa elegante Vila. Aqui, já são apresentadas as nossas queridas

Autoridades. Às 17 horas, organiza-se um empolgante cortejo automobilístico composto pelos seguintes carros: 1.º o do Senhor Bispo; 2.º o do Senhor Arcipreste; 3.º o do Senhor Dr. Eduardo Gonçalves; 4.º o do Senhor Dr. Tomás de Andrade; 5.º o do Senhor José Pereira da Silva; 6.º o do Senhor João Barbosa de Macedo; 7.º o do Senhor António Benardino de Macedo; 8.º o do Rev. Pe. Avelino dos Santos Antunes; 9.º o do Senhor Pe. José de Miranda; 10.º o do Senhor Pe. José

continua na 4.ª página

## Salão Paroquial

Está completamente concluído e tem sido muito visitado; foi benzido pelo Senhor Bispo Auxiliar, tem servido já para a nossa grande catequese, e nele brevemente vai realizar uma récita infantil e um empolgante teatro educativo. Todos o *acham bom*. Urge pagá-lo.

## Aniversários

No dia 16—Pe. João Baptista Ferreira e Clotilde do Céu Ferreira da Cunha.

Dia 17—Pe. David de Oliveira Martins.

Dia 19—Pe. Francisco Antunes de Almeida.

Dia 21—D. Maria Rodrigues.

Dia 22—Capitão Manuel Monteiro Pinto.

Dia 23—Américo Dias Pião, Adelino Silva, Pe. Alípio Quintas Neves e Maria Lucília de Macedo Martins.

Dia 24—D. Maria José Calheiros de Abreu.

Dia 25—Narcizo José Gonçalves.

—A todos, as nossas efusivas saudações e votos de muitas felicidades. C.

## HUMORISMO

### O empregado mais antigo

—Patrão: o pessoal desejava saber o que é que o senhor apreciaria mais para lhe oferecermos no dia do seu aniversário.

O patrão:

—Que dizem vocês à diminuição geral nos ordenados?

### Cento e dez

—Estás muito gordo homem! Não praticas nenhum desporto para emagrecer?

—Sim. Todos os dias de manhã faço ginástica.

—Que ginástica?

—Levantamento de pesos.

—E quantos quilos levantas?

—Levanto cento e dez, se quero sair da cama.

# Carta de Lago

Continuação da 3.ª página

e lembrou-me a profecia do velho Simeão que diz:—«Olha que este Menino está aqui para a queda e o ressurgimento de muitos em Israel e para ser sinal de contradição».—

Realmente Jesus Cristo, para muitos, foi motivo de ressurgimento; porque, ouvindo a sua doutrina e vendo os seus milagres, deixaram os erros e os maus caminhos, que até ali haviam seguido, e levantaram-se da morte do pecado para a vida santa da amizade com Deus. Recorda a Madalena, Zaqueu, a Samaritana, o Centurião... Diziam eles:—«Nunca ninguém falou como este homem falou! J. 7,46 «Ele tem palavras de vida eterna!»

Muitos outros, porém, não o quiseram receber e só pensavam em caluniá-lo e armá-lo ciladas. Lembra-te das seitas dos fariseus, dos escribas, dos saduceus...

Para estes Jesus Cristo foi certamente motivo de queda porque eles diziam:—«Esta linguagem é dura! Quem a pode ouvir?» J. 6,61. «Ele subleva o povo! Lec. 23,5 «É um perturbador!»

Jesus Cristo foi e é sinal de contradição: amado, até ao extremo, por uns, odiado mortalmente por outros!.. Assim é também o sacerdote: sinal de contradição!

Um dia encontrei-me com um homem de Vila Verde, falamos de materiais de construção, e, depois, a conversa deslizou para as festas da Senhora do Alívio. O cavalheiro barafustou contra o sacerdote que julgava responsável por as ditas festas não serem agora o que foram antigamente!..

Há pouco travei conversa com um rapaz de Braga que trabalha em Monção, ao lado de outros daquele concelho

Tribuna Livre  
Secretaria Judicial  
de Vila Verde

## Anúncio

(2ª. publicação)

Pela 2ª. Secção da Secretaria Judicial desta comarca correm éditos de 20 dias, contados de segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos do executado Augusto Lopes Salgado, viuvo, lavrador, do lugar da GANDRA, freguesia de SOUTELO, desta mesma comarca, para no prazo de DEZ DIAS, posterior ao dos éditos, deduzirem os seus direitos na execução sumária movida por Manuel de Oliveira, casado, lavrador, morador no lugar do COUTO, freguesia de SOUTELO, desta comarca. Vila Verde, 31 de Julho de 1959.

O Chefe da Secção,  
(a) António Monteiro  
VERIFIQUEI.  
O Juiz de Direito,  
(a) Manuel Alves Peixoto.

fronteiro. Disse-me que falaram todos acerca de festas e um deles contou:—«Fizemos há dias uma festa e o Senhor Reitor proibiu os bailes. Fomos ter com ele e dissemos-lhe que a festa tinha de ser como antigamente e... bailamos toda a noite e todo o dia! Não queremos costumes novos!»

—Um sacerdote que esteve, em freguesia certaneja, mas, eivada de hábitos lisboetas, disse-me:—«Nas noites de inverno as raparigas juntavam-se, sob pretexto de fazer serão, em ipsisos térreos, com o pavimento de mato e palha por cima. No tempo devido apareciam os rapazes e depois de algumas horas de trabalho misturado com namôro, nas sombras de uma candeia de potróleo, começava o baile ao som da concertina, às vezes até de manhã. Sabendo que os mandamentos estavam sempre ausentes de semelhantes reuniões, falei, aconselhando os interessados... Porém eles responderam que toda a vida foi assim...»

São católicos e, como tu, devem saber, e sabem, que fazem mal—Bastaria ouvir os ministros da Igreja, mas não os querem ouvir...

Jesus Cristo é, e eles são também, «sinal de contradição»!!

teu J. Moreira  
Lago, 25-8-1959 Dispõe do

## Visita Pastoral a Besteiros

(Continuação da 3.ª página)

Pereira Lima; e outros; á chegada à Capelinha-Calvário, do Senhor do Areal e o ajuntamento das massas e de todo o povo; girandolas e foguetes atroam no espaço: as Irmandades, Confrarias, Associações de piedade, a cruzada eucarística das crianças, num conjunto belo, organizam-se numa esplendorosa procissão, que se põe em marcha, dois discursos lindos, dum menino e duma menina, saudam o Senhor Bispo: *Bemvindo seja o Enviado do Senhor.* Um belo arco, armado, e artístico tapete, embelezam, sobremaneira, a avenida fronteira á Igreja Paroquial. Realizam-se as cerimónias da Visita; às lavandas servem as autoridades acima referidas. São crismadas 86 pessoas; foram padrinhos do Santo Crisma os Senhores Doutores: Eduardo Gonçalves, Tomaz de Andrade, e Madrinha a Senhora D. Aura da Piedade Antunes. Faz-se a comóvente Visita ao Cemitério; as crianças da doutrina saíram-se muitíssimo bem e merecem prémio; o clero assistente ficou deslumbrante e satisfeito. A tribuna e os altares estavam um primor: tudo elogiado pelo Senhor Bispo, que no final mais uma vez agradeceu a apoteótica recepção e a ordem e perfeição que em tudo observou. Recomendou a união entre todos e o progresso material e sobretudo espiritual

# NA ALDEIA

(Continuação da 1.ª página)

vosismo que imprime dia e noite o movimento, a velocidade e frenesi aos grandes centros urbanos.

O sossego da aldeia é embalado pela voz forte do silêncio e da Natureza que pacifica a alma. Aqui tudo se mantém estático e imutável. As águas correm rumorantes sempre pelos mesmos sulcos; nos mesmos sítios as mesmas árvores, às vezes seculares; pelos mesmos caminhos e estradas seguem os mesmos ranchos de gente para as feiras e romarias, mas os seus cantares e expressões de alegria não condensam nem quebram o silêncio da Natureza. Nas mesmas leiras e campos labutam os mesmos homens; puxam o carro ou o arado os mesmos bois. As coisas são as mesmas—o homem é sempre o mesmo—apenas o filho, o neto ou o bisneto do que lhe deu o ser e a vez; nasce e renasce da terra-mãe que o sustenta e recebe na morte, nada muda, apenas se transforma insensivelmente.

Vem, com o entardecer, o crepúsculo e começa a envolver-se na sombra a aldeia cada vez mais silenciosa. Dos telhados dos casais levantam-se espirais de fumo denso que espalha o cheiro acre da rama verde de pinheiro a arder na lareira pobre. Tange o mesmo sino «às trindades» a despedir-se do dia e as badaladas ecoam a espaços pelas quebradas. Cai a noite e a lua, sanguínea, despona a derramar sobre a aldeia adormecida este esplendoroso luar de Agosto.

Na cidade tudo são excitantes dos sentidos e disfarces; tudo se apresenta ao rubro, a despertar a sensualidade.

A aldeia é uma lição penetrante de realidade e de modéstia, que todo o homem da cidade devia receber.

## «A Modelar»

Executa toda a qualidade de trabalhos tipográficos, desde os mais simples aos mais luxuosos.

para que ali nada faltasse, na Igreja e seu presbitério. Salientar-se a necessidade de uma pequena residência paroquial, salão e Escola Primária. Foi um dia cheio; chegou a hora da despedida. Há Saudades em todos os corações. Na casa da Senhora D. Rosa Maria Veloso Ribeiro, já fora da visita, foi oferecido um lanche ao Senhor Bispo e alguns membros da sua ilustre comitiva. De Manhã, a missa e comunhão geral foram muito concorridas. Tudo correu uma maravilha. Parabéns a Besteiros que, mais uma vez, deu provas da sua vida e do seu entusiasmo.

C.

# Entre nós, mulheres...

(Continuação da 2.ª página)

bém são bem aproveitados para vestidos-túnica, à chinesa. Para isso abrem-se as costuras do lado e usamo-los por cima de saias esguias de setim ou veludo pretos; de cor bem contrastante com o vestido; ou no tom do fundo, se se trata de um estampado.

Usam-se botões enormes, em passamanaria, de sete ou oito centímetros de diâmetro. A substituição dos botões e o emprego de enxumaços nos ombros serão, as mais das vezes, o suficiente para «refrescar» um casaco já visto. Para as cinturas descidas — e muitos foram os costureiros que as apresentaram assim — basta, desde que não haja corte, o uso de um cinto largo de verniz ou de veludo, colocado,

## Aniversário Natalício

Ontem, dia 28 do corrente, realizou-se pelas 10 horas, no Bar Marlu, um copo de água cterecido aos amigos pelo nos-



so dedicado assinante Senhor João Manuel da Costa e Silva, ausente no Porto, cuja foto nos enviou para publicar, o que gostosamente fazemos e desejamos que os seus 35 anos fossem festejados com muita alegria. Parabéns.

à vontade, um pouco sobre as ancas. Outra novidade é a coleira de cão. (Em França, diz-se de gato). Trata-se de um colar de quatro voltas bem agarradinho ao pescoço. Estão de parabéns as que vão entrar na casa dos cinquenta, pois este colar disfarça admiravelmente as rugas do pescoço. Para nos pormos à moda basta-nos um simples fecho de «quatro entradas» e um pouco de fio. Todas nós temos um daqueles colares grandes, que tanto se usam. Desenfia-se e volta a armar-se, com novo fecho.

Está a ver, minha Senhora, todas as possibilidades que lhe são agora oferecidas? Um simples vestido preto a que tire um pouco de roda, as mangas e a gola e que decote, generosamente, nas costas (alguns destes modelos são decorados até à cintura) transformam-se, com a ajuda de tal coleira, num janotíssimo vestido de jantar. Não creio que é mais elegante a mulher gastadora que faz muitos vestidos em cada estação e deixa os outros como se usaram. Quando o dinheiro não é muito, vale mais transformar, com acessórios modernos, o que já está antigo.

Se não pegar a ideia dos joelhos à mostra, se os ombros se não elevarem demasiado e se as travadas se não transformarem em travadinhas — e não me parece que nenhuma destas hipóteses tenha viabilidade — talvez a nova moda seja a mais bonita e equilibrada dos últimos tempos. O gracioso cair dos veludos, o brilho mate dos setins e o contraste das peles dos bichos junto à assetinada cutis das mulheres, tornarão a elegante 1960 muito mais delicada, muito mais graciosa, muito mais feminina do que nos últimos anos. O pior é se nos enganamos no palpite dos «ses»... ANI

## Visado pela censura

Maria da Luz Baptista

Enfermeira-Parteira pela Universidade do Porto

RUA D. PEDRO V- 201 || TELEFONE, 3029  
(S. VICTOR) || BRAGA

Já não é um acontecimento fazer-se um fato com 2,25 de fazenda, mas sim uma realidade que se confirma dia a dia. E se V. Ex. é dos que ainda duvida? Então visite.

**ALFAIATARIA BELCORTE**

DE  
José Eduardo Macedo Gonçalves

Alfaiate diplomado em obra de

Senhora, homem e criança

Nesta casa tem V. Ex. ao seu dispor grande e boa coleção de fazendas nos mais bonitos padrões e nas melhores qualidades. Visitar esta casa é ter a certeza de visitar bem. N. B. Brevemente inauguração de novas e modernas instalações.

B. Corte — Amares

# TRIBUNA DE TERRAS DE BOURO

## Notícias das Termas do Gerês

Encontra-se no gozo de licença o Ex. mo Senhor Engenheiro Castro e Melo, administrador dos Serviços Florestais do Gerês, ficando a substituí-lo o seu colega de Vieira do Minho, Ex. mo Engenheiro Emani Silva.

### Festividade em honra de nossa Senhora de Fátima

Consta-nos que se vão realizar grandiosas festas em honra de Nossa Senhora de Fátima, nos dias 12 e 13 do próximo mês de Setembro, que serão presididas por Sua Ex. ma Revendíssima o Senhor Vigário

Geral da Arquidiocese, abrihantada pelo Orfeão da Faculdade de Filosofia e à homilia será proferido brilhante sermão pelo distinto orador Dr. Sebastião Cruz.

A procissão, abre com a Fanfarra dos Bombeiros Voluntários das Taipas. A Banda de Vila-Verde exhibirá o seu melhor reportório e um rancho Folclórico abrihantará a festa com os seus cantares e danças Minhotas. Haverá ainda outros divertimentos ainda imprevisos, mas conta-se em gastar com estas festas algumas dezenas de milhares de escudos.

C.

## Terras de Bouro Achado

Encontra-se em poder do Comandante do Posto da G. N. R. de Terras de Bouro um objecto de ouro, que pelo mesmo foi achado, nesta vila. Este objecto entrega-se e quem provar pertencer-lhe.

C.

## Casamento elegante

(Continuação da 2.ª página)

matrimónio cristão se consigna na Sagrada Escritura, a tal ponto do Apóstolo S. Paulo lhe chamar «O grande Sacramento da Igreja». Em seguida, e já na sacristia, foi assinado o assento de casamento pelos padrinhos, senhores Alfonso Areal Gonzalez e esposa Dona Vitória Táboas e Narciso José Gonçalves e esposa Dona Maria de Fátima Barros de Azevedo Gonçalves, respectivamente por parte do noivo e noiva, após o que foram efusivamente felicitados por todos os convidados presentes os recém casados.

Em 12 carros da praça de Lisboa, o cortejo nupcial seguiu para o Restaurante Castanheira, à estrada da Torre, no Lumiar, onde foi servido lauto almoço pelo pai do noivo, Ex. mo Snr. José Puga Gandara e a que assistiram os Ex. mos Snrs. Evaristo Codaceda Besada e esposa; Alfonso Lage o Campos e esposa Dona Afílgida Vasquez Cuevas; Glória Teixeira Dias; Delfim Martinez; Maximino Martinez Amoedo; Emilia Teixeira Pinto; Luis Ferreira Bizarro; Dona Victória Táboas; Aurea Toucedo Cerdeira; Albina Fraquero Pombo; Aquilino Ferreira Porto; Narciso José Gonçalves e Dona Maria de Fátima Barros Azevedo e António Toucedo Cerdeira; as meninas, Maria Rosa Gonçalves e Maria Teresa Antunes Barreiros, estudantes do curso de enfermagem de Lisboa; Maria Adelaide S. Fernandes e outros convidados de honra.

Aos brindes trocaram-se as melhores saudações com votos de futuro próspero para o novo lar cristão ora constituído e que este semanário, ali representado, sinceramente reverbera nas suas colunas.

C.

## «Roteiro da História»

Por se ter desligado de «Ronda da História», mensário que fundou e dirigiu, o jornalista e escritor Américo Faria vai lançar uma nova publicação do mesmo género e igual aspecto gráfico, intitulada «Roteiro da História» e cujo primeiro número aparecerá nos primeiros dias do próximo mês de Setembro.

## Carta da Empresa Hoteleira do Gerês L.da

Continuação da 3.ª página

local no N.º 188 de 22 do corrente que se intitulava «Deficiências de Carreiras» referindo-se à Romaria da Senhora da Abadia.

Devemos dizer que, em princípio, concordamos com o autor dessa local. Os transportes são difíceis. Só não podemos dar a n/ conformidade à maneira como se pretende resolver o assunto: aumento de viaturas. Com efeito não é a falta de viaturas em carreira que prejudica o número de romeiros. No dia 15 de Agosto tínhamos nove autocarros com lotação total de 323 lugares em serviço de carreiras para o Santuário. Embora haja muito movimento esta lotação seria suficiente:

1.º—Se a estrada entre e Abadia permitisse um escoamento rápido do trânsito. O que se verificou foi uma contínua balbúrdia de «engarramento». A estrada é má e muito estreita.

2.º—Se no largo do Santuário houvesse maior espaço de manobra livre de outras viaturas. O que se verificou foi uma redução de espaço que causou demoras nas horas de mais afluência;

3.º—Se a festividade não coincidissem com o «rescaldo» da romaria do S. Bento. Como somos concessionários de toda a zona somos forçados a desviar algumas carreiras para S. Bento com manifesto prejuízo dos romeiros da Senhora da Abadia.

Quanto às «cenas lamentáveis» que se presenciaram, infelizmente verificam-se em qualquer romaria sem que se possam atribuir às empresas de camionagem. A precipitação do povo não olha às inconveniências nem se preocupa com outra coisa que

não seja o seu próprio interesse. Isto verifica-se em todas as camadas sociais e nem sequer é privilégio apenas das romarias. Nas próprias cidades se vêm cidadãos de alto coturno acotovelarem-se uns aos outros para conseguirem o seu transporte sem respeito ou consideração alguma pelas boas maneiras.

Friza-se ainda na referida local que «não está certo que, fora da festa, o Santuário só seja servido por uma carreira e ao domingo». Ora sobre este ponto é que nos parece haver desconhecimento total do movimento para o Santuário. Com efeito, mesmo ao domingo, o número de passageiros não justificaria a carreira. Até esta data a carreira só nos trouxe prejuízo mas continuamos a

porque sabemos que servimos os interesses da região. Entretanto, estamos convencidos que num futuro próximo, e tendo em conta até a propaganda e a iniciativa privada de algumas pessoas da região que estão a elevar consideravelmente o movimento para o Santuário, seja conveniente aumentar o número de carreiras. Nessa ocasião, desde já o frizamos, aumentaremos tantas carreiras quantas as necessárias.

Para já, porém, o movimento à semana não justifica qualquer aumento, salvo provas em contrário que receberemos de bom grado e estudaremos com todo o gosto.

Sendo o que se nos oferece esclarecer, agradecemos a publicação destas anotações e pedimos desculpa do tempo que tomamos a V. Ex. cia.

Entretanto, com os protestos da n/ melhor consideração, subscrevemo-nos.

### Condições de Assinatura

| Continente           |         |
|----------------------|---------|
| Ano . . . . .        | 50\$00  |
| Semestre . . . . .   | 25\$00  |
| Ilhas                |         |
| Avião—ano . . . . .  | 150\$00 |
| Semestre . . . . .   | 75\$00  |
| Barco,—ano . . . . . | 60\$00  |
| Semestre . . . . .   | 30\$00  |
| Brasil               |         |
| Avião—ano . . . . .  | 150\$00 |
| Semestre . . . . .   | 75\$00  |
| Barco—ano . . . . .  | 60\$00  |
| Semestre . . . . .   | 30\$00  |
| Estrangeiro          |         |
| Avião—ano . . . . .  | 180\$00 |
| Semestre . . . . .   | 90\$00  |
| Barco—ano . . . . .  | 80\$00  |
| Semestre . . . . .   | 40\$00  |

«Tribuna Livre» vende-se em Braga no Quiosque Central do Largo do Barão de S. Martinho.

Assina e propaga a «Tribuna Livre»

## MONOGRAFIA DE TERRAS DE BOURO

(Por DOMINGOS M. DA SILVA)

N.º 44

(CONTINUA)

entregue a chamada *vara das cinco chagas*, em acto de posse, e sobre ela tinham de jurar obediência todos os vizinhos.

Todos estes costumes têm vindo a enfraquecer e não haverá muito tempo que infelizmente se dissipem de todo, mercê do contacto que os homens seus naturais; por circunstâncias da vida moderna, tomam com o mundo exterior.

Não trata aí de uma antiga e famosa fábrica de vidro que aqui existiu, mas refere-se-lhe Vasco Valente em seu trabalho.

*O Vidro em Portugal*, editado no Porto, em 1950, nestes termos: . . . é estranhável que, sobretudo a Joaquim de Vasconcelos, tivesse passado despercebida a existência, nos primeiros anos do século XIX, a *Real Fábrica de Vidro de Vilarinho da Furna*, na serra do Gerês, que para a época constitui um dos maiores empreendimentos industriais do nosso País. Fundada pela firma *Gomes, Mattos, Araujo Y Cia*, por alvará do Príncipe Regente D. João, de 15 de Abril de 1807, na Chã de Linhares, margem esquerda do Homem; tendo à mão feldspato e quartzo o que permitiu fabricar vidro como o da Boemia, não podia ter sido mais feliz a escolha. O edifício cumpunha-se de um andar térreo (de que por sorte é conhecida a planta) de um pavimento com janelas de sacada e sobre ele outro de janelas ordinarias.

«A poder de intrigas que se forjaram e a pretexto da entrada dos franceses pela Portela, capitaneados pelo abade de Carvalheira, seduzido por influências inglesas, que odiavam os progressos industriais do país, os povos do sítio saquearam e lançaram-lhe fogo em 11 de Julho de 1808.

Foi infelizmente bem efémera a sua duração.

## CARVALHEIRA

É uma considerável remanescência os antigos *Querquenos*, particular denominação dos Brácaros, ou Lusitanos que, segundo a opinião de João de Barros nas suas «Antiguidades de Entre-Douro e Minho» estanciavam por estes montes do Gerês e habitavam a cidade de *Aquae-Querquenae*.

O topónimo logo se deduz da circunstância de terem estes sítios sido povoados de densas florestas de carvalhos *quercus* que constituíram o seu mais notável acidente.

Honroso título, pois que lhes ficou de se esconderem no tronco carcomido dessas secularíssimas árvores e de lá darem inesperado assalto aos legionários de Roma.

Tem os lugares de *Assento*, *Paredes*, *Cabaninhas*, *Ervedeiros*, *Infesta* e *Quintã*. Está situada num alto, de onde se gozam larguíssimos horisontes.

Continua na 6.ª página

Visado pela C. de Censura

## CALDELAS

O aumento de frequência está a provocar deficiência de serviços e especulações

(Continuação da 1.ª página)

chamadas de tratamento, é preciso formar bichas enormes até se conseguir um número alto, pois os números baixos, esses, só existem no câmbio negro e custam bom dinheiro!.. Para se tomar as águas naquele ridículo e caricato quiosque, mais próprio para vender bilhetes postais e pirolitos, onde a gorda e a magra dão de beber aos pacientes, metidas num boraco inverosivelmente acanhado, no meio duma barafunda de copos graduados com a água a roçar-lhe os pés e no meio das pernas das duas empregadas, sai a água por duas bicas, alimentadas por um esplêndido caudal que daria para o triplo das bicas, se houvesse o alto sentido de tornar agradável a vida dos aquistas, que se sujeitam a tudo, no desejo de se livrarem dos males que sofrem; é preciso possuir uma paciência evangélica...

Mas esse sentido não existe, obrigando-os assim a formarem longas bichas do tamanho de ténias estendidas pelo terreno, e a suportarem a chuva em dias pluviosos ou o sereno das manhãs húmidas, com a heroicidade própria dos infelizes.

Se um dia de novo voltar—se voltar—teria a maior satisfação em ver que os tormentos ora passados, tinham desaparecido e os aquistas mais felizes por serem melhor tratados, tinham então mais amplas instalações que lhe evitavam demoras, bichas, atropelos e quisílias de toda a ordem. Que aquele quiosque tinha sido transformado num amplo e belo edifício, onde a água jorrando por diversas bicas, fornecia com mais comodidade e rapidez o água milagrosa, sem necessidade dos pacientes estiolarem nas morosas filas indianas, à chuva ou expostos à humidade das manhãs frescas e orvalhadas que penetrava nos corpos até aos ossos servidos por mais de uma gorda e por mais de uma magra, as suficientes, para satisfazerem as necessidades dum serviço agradável e simpático de dar de beber a quem tem sede...

Ao constatar essa melhoria nos tratamentos termais, veria nessa altura Caldelas dotada com um abastecimento de águas domiciliárias — e tanta e excelente água possui — com saneamento, livre do cheiro pestilento das pocilgas, sem cães vadios a ladrarem toda a noite, limpa e lavada, com os terrenos juntos ao balneário devidamente parquizados e desaparecidos aqueles muros duma rusticidade bárbara que servem de pano de fundo para além ribeiro e este coberto na sua extensão, para servir de estacionamento de carros.

Enfim, na fonte de fortunas que as águas termais se transformaram, qual maná ubérrimo. Caldelas, precisa de colher a sua parte de forma a progredir e tornar-se uma povoação cheia de atractivos, higiénica e moderna, para o que lhe não falta a paisagem edénica que a rodeia.

Mas, enquanto as águas termais não fizerem parte dos serviços da saúde pública e estas continuarem por essa razão a ser um dos chorudos negócios do País—veja-se por exemplo o Gerez e Caldelas e outras da mesma forma frequentadas, por um número cada vez maior de doentes de todas as classes sociais—estes serão tratados como clientes obrigatórios e na gíria dos negócios explorados e extorquidos o mais possível, em troca de deficiências de toda a ordem, de atropelos em todos os sentidos para que o resultado final dê largos e substanciais lucros generosamente embolsados; a povoação de Caldelas nada lucrará porque a riqueza com que a natureza a dotou não lhe pertence... e os aquistas, ficam sem a camisa por um pouco de alívio dos males que padecem.

E a maioria deles, sabe Deus, quantos sacrifícios têm de fazer para suportarem as despesas dum tratamento a subir de preço em virtude — quem sabe? — da natureza desejar mais dinheiro pelo fornecimento das águas...

Mas se fosse um dos afortunados concessionários que diria?

1.º. Achava tudo muito bem, e pouco o aumento do custo dos tratamentos;

2.º. Quem se queixa era melhor não pôr aqui os pés. Ninguém os chama. E no caso de não estar bem retire-se;

3.º. Caldelas só tem lucrado com as termas! Pelo menos o seu nome é conhecido por toda a parte e isso já não é uma honra?...;

E diz o povo na sua sabedoria: «honra sem proveito faz mal ao peito»...

Agradeço-lhe Senhor Director o favor da publicação, a bem dos aquistas e do futuro de Amares e de Caldelas.»

Um aquista

### Canadá-Montreal

MONSIEUR, S. ENKIN INC recomenda e pede a todos os portugueses que vivem em Montreal e que estão para vir para o Canadá, que devem procurar o bem conhecido MERCADO DO ST. LAURENT E DORCHESTER que bem pretende servir os seus clientes amigos portugueses com todas as variedades de frutas, tais como BANANAS, LARANJAS, LEGUMES DE TODAS AS ESPÉCIES E MERCADORIAS a preços convidativos. Procurem, pois, o mercado mais completo e o que melhor serve os EMIGRANTES.

## Inconfidência... mas talvez não!

Continuação da 1.ª página

que acautela o sagrado, mas não tolhe a vida moderna deste século!

Comece-se por onde se tem de começar e deixe-se por agora o esperançoso «Hotel de Turismo» para hora de mais calma. É um erro julgar-se que se perde a ajuda do S. N. I., porque segundo os seus juízos, só nos terrenos do Hotel do Elevador, ele fica bem.

Não, o S. N. I. não nos faltará com a sua ajuda na devida altura e muito menos com a razão de acautelarmos o «sagrado», dos inconvenientes do profano, tão perto do Templo.

Além disto, um Hotel dentro do Parque, tem necessariamente de obedecer às linhas predominantes do local, e fora, podemos conceber e realizar um Hotel ultra-moderno! Mais. Um Hotel fora do Parque, trará como consequência, outras obras importantes e de exigência turística. Por isso, o «Plano» justifica-se e mais que nunca, o engrandecimento daquele Monte do Bom Jesus. Comece-se—e pode começar-se já—pedindo ao Governo a construção da estrada Braga ou Pedões-Bom Jesus, de modo a figurar já no «Plano» a que se alude.

Siga-se pelos transportes, que pela via eléctrica são enfadonhos; pelos pisos do Parque; pelos arbustos e flores que se querem em muito mais larga escala; pela luz, não esquecendo o efeito que o «neon» pode produzir de noite a quem passe longe e não conheça o Bom Jesus. Já aqui dissemos entre outras coisas, isto: «Assim será que todos, criando belezas, planificando obras, imprimindo caracteres, difundindo imagens, deslumbrando se possível olhos, se formarão novos espíritos para o dia de amanhã—da estância do Bom Jesus como da Região, como aliás da própria Nação. Mãos à obra, porque vale a pena; vale a pena pelo que valerão os anais que se hão-de escrever sobre o Bom Jesus, depois dos homens que o engrandeceram morreram—sim, mas cumprindo o seu dever!

Naturalmente, o Bom-Jesus não é uma Santa Luzia, um Ofir, um Suave-Mar, etc. mas... é muito mais que isso e, sem desprimor, já o era antes!

Mas vamos ao que agora importa e deixemos o passado que está irremediavelmente morto.

Venha o «Plano» da futura parte nova do Bom Jesus. A «maquete», e o mais que poder ser feito sem estas duas peças de cartaz a figurar já nos próximos roteiros do turismo internacional.

A. F.

## Vieira do Minho

Cá no fundo da Cabreira,  
Cercada por rosmaninho,  
Fica uma vila formosa  
Que é Vieira do Minho.

Ali perto do Ermal,  
Tem o fresco das suas águas,  
Onde o seu povo no Verão  
Vai afogar suas máguas.

Seu parque dá-lhe beleza,  
Com a graça das flores,  
A sua relva viçosa  
E a mistura de côres.

Naqueles bancos repousam  
Muitos cérebros cansados;  
Da mesma beleza gosam  
Muitos pares de namorados.

Amo Vieira do Minho  
E custa-me a sua ausência;  
Nos livros do seu registo  
Consta a minha existência.

Tancos 25/8/1959

José Silva.

## MONOGRAFIA DE TERRAS DE BOURO

(Continuação da 5.ª página)

O padroeiro é S. Paio e foi abadia da apresentação da mitra.

Em 1706 tinha 160 vizinhos; em 1875 andava nos 187 com 600 almas; agora 190 e 880 habitantes.

Sobre o rio Homem, que lhe corre a norte, tem na passagem para Brufe uma ponte de cantaria, alta e elegante, de um só arco de ogiva, firmado em dois rochedos. A sul passa o ribeiro de Rolas, também com uma ponte no lugar de Cabaninhas. Tem dois arcos e num deles a inscrição: FVNDATA ANNO 1745. Estes dois cursos de água limitam-na, até se juntarem na extremidade e poente da freguesia.

No sítio do *Gradoiro*, lugar de Cabaninhas, ficam as *águas do fastio* que já tiveram muita fama.

A matriz situa-se vistosamente em planalto. Construída a pedra nua, ou perpianho, como as de Covide e Campo; a capela-mór toda forrada a azulejo, os tectos todos guardados de boas pinturas e imagens, o pavimento ainda repartido em taburnos. Do capítulo de uma visita, de 1696, infere-se que os fregueses anjavam a quebrar e carrear pedra para a reforma da igreja.

Além do altar-mór, que é o do S. S. Sacramento, tem à parte da Epístola os de N. S.ª do Rosário e S. to António e defronte o do Coração de Jesus. O de N. S.ª do Rosário é privilegiado, da respectiva Confraria.

Há quatro capelas ou ermiãs: a 1.ª no lugar de Paredes, dedicada a S. Caetano, pertence aos moradores dele. É muito antiga, pois já se lhe referem capítulos de visitas de 1690 e mostram que é muito anterior. A 2.ª de S. Pedro, no lugar de Cabaninhas, igualmente dos moradores dele. A 3.ª de S. ta Bárbara, no lugar de Ervedeiros, pertence aos respectivos moradores. A 4.ª, de S. Sebastião, situada no lugar de Infesta, era administrada pela freguesia. Em todas elas se cantava uma missa cada ano, dia de seu padroeiro e com grande concorrência de devotos.

O arcebispo D. Rodrigo de Moura Teles percorreu-as todas, em acto de visita de 13 de Agosto de 1725.

Em frente da igreja estende-se uma avenida, que dá para o cemitério, inaugurado em 1949, e para o Calvário.

Há no arquivo dois maços de «Capítulos de visitas» — o 1.º com abertura em 1662 e encerramento em 1756; o 2.º com princípio em 1759. Em 18 de Agosto de 1720, o Visitador condenou o costume que ainda existia, de as pessoas mais chegadas dos falecidos acompanharem os enterros até à igreja e lançamento à sepultura, com exteriorizações que perturbavam o respeito e a forma ritual do luto da Igreja. Outro adverte que o *cerco*, que por antiquíssimo costume se fazia na freguesia, com a imagem de S. Sebastião, começasse e findasse na capela e lugar do mesmo nome, pela celebração da missa.

Na visita de 4 de Junho de 1774, entre outras coisas, censura o abuso de alguns fregueses se sentarem na cadeira paroquial e nos confessionários, cominando-lhes a devida pena. Na de 23 de Maio de 1787.

(Continua no próximo número)